

“O erotismo é toda a sexualidade do corpo e da mente”

written by Alberto Jorge Santos | 18 de Agosto, 2023



É, com orgulho, que apresenta o seu nome – também a sua marca. Pretende, no futuro, ser cada vez mais uma **referência agregadora do universo do erotismo em Portugal**. “O Cidadão” (OC) ouviu **Rui Simas (RS)** explicar, de forma simples, um assunto que, para muitas pessoas, ainda é **tabu**.

O Cidadão (OC) – “**Simas Cultura Erótica**”, designação criativa, com algum suspense...

Rui Simas (RS) – *Não sei a que nível interpreta o suspense, mas a intenção é clara. Pretendo dar a conhecer o lado*

exponencial da sexualidade através do erotismo. A cultura é tudo aquilo que se adquire, através da criatividade, da intelectualidade, da manifestação artística e do debate de ideias...

OC– O sexo como cultura, portanto...

RS– Sim, acredito que é possível criar uma cultura sexual, não apenas focada nas limitações dos atos físicos e na funcionalidade dos genitais.

OC– Como define a cultura erótica

RS– É tudo aquilo que contribui para um maior e melhor conhecimento dos nossos desejos físicos, intelectuais, espirituais, sensoriais e emocionais, para além do sexo. Costumo dizer que o erotismo é o que acontece antes, durante e depois do sexo.

OC– Às suas sessões podemos chamar-lhe tratamentos?

RS– Não lhes chamo isso. Acompanhamento ou desenvolvimento pessoal. É assim que as apelo. Se eu entender que são precisos tratamentos, recomendo profissionais de saúde mental ou física.

Prazer

Rui Simas faz parte da **“Associação Sexualidades Positivas”** e colabora com diversas marcas e empresas ligadas ao mercado adulto; porém, é sobre as pessoas que incide, em particular, a sua função.

OC- Rui Simas, podemos chamar-lhe mentor erótico?

RS– Considero-me mais consultor do que mentor. O que faço é aconselhar e informar as pessoas sobre as mais diversas possibilidades do universo erótico, seja através da partilha de conhecimentos, métodos e práticas ou, então, sugestões culturais e artísticas, num ambiente de segurança, compreensão, inclusão e descontração.

OC- Os seus clientes, o que mais necessitam?

RS– *Esclarecimento, informação e estratégias para potenciar a sexualidade e melhorar os relacionamentos.*

OC– **Como decorrem as sessões? O que fazem?**

RS– *São sobretudo para conversar e partilhar ideias, mas incluem, muitas vezes, recursos audiovisuais ou materiais práticos.*

OC– **O que levou a associar a cultura ao conceito erótico?**

RS– *A vontade de distinguir o erotismo do simples ato sexual; em Portugal, erotismo e pornografia ainda estão muito relacionados, porque temos uma história recente onde a mais pequena insinuação sexual é considerada depravação ou imoralidade. Logo, considero importante dar a entender que, enquanto o sexo é um ato, limitado pelas condicionantes de cada um, o erotismo é toda a sexualidade do corpo e da mente e onde o limite é a nossa imaginação. Sem erotismo, o ato sexual pode tornar-se mecânico, rotineiro e funcional. Com o erotismo, o prazer sexual pode nem precisar de nenhum ato, porque o prazer pode estar em todo o lado.*

OC– **E a pornografia, como entra na equação?**

RS– *O erotismo abrange todo o espectro da sexualidade. A pornografia é apenas a representação da sexualidade de forma explícita. Desde os desenhos paleolíticos que existe vontade de representar e observar os atos sexuais com as mais diversas intenções. Na representação, a linha entre erótico e pornográfico foi sendo constantemente alterada, consoante as leis morais vigentes.*

OC– **Muito diferentes entre o “ontem” e o “hoje”.**

RS– *Sim, hoje temos uma pornografia muito diferente da que tínhamos há 40 anos; enquanto antes eram criadas histórias, enredos e produções cinematográficas, hoje, a tecnologia permite fazer e ver coisas de uma forma crua, imediata e baseada, apenas, em temáticas ou impulsos. No entanto, existe muita pornografia feita ao longo dos tempos que ajuda a compreender conceitos importantes, sejam fisiológicos ou*

psicológicos.

Portugal

OC– Que tipo de pessoas recorrem ao seu aconselhamento? Casais?

RS– *Sim, heterossexuais ou homossexuais. E até “casais” com mais de duas pessoas. Ou individualmente, claro.*

OC– Tem atingido os seus objetivos?

RS– *Tenho tido algum êxito. Vejo as pessoas mais esclarecidas, empáticas e entusiasmadas com a importância do erotismo na construção de uma sexualidade saudável, inclusiva e expansiva. Tenho promovido as minhas ideias, mas também criado plataformas – eventos e podcasts. O meu podcast “ConSensual”, por exemplo, já teve convidados que abordaram temas desde o tantra ao BDSM (sigla que denomina um conjunto de práticas consensuais no sexo, envolvendo Bondage -algemas, chicotes, coleiras, etc – ; Dominação; submissão e Masoquismo), passando pelo pole dance, literatura erótica, poliamor, a espiritualidade, a deficiência ou a transsexualidade. E é na partilha desse conjunto de ideias que eu considero estar a base para a criação de uma “cultura” erótica.*

OC– E, por fim, como vamos de erotismo em Portugal?

RS– *O erotismo sempre foi muito vibrante em Portugal, mas amiúde escondido no subsolo dos pseudónimos e dos bons costumes. Sempre tivemos muitos pensadores, escritores e ilustradores com as mais diversas ideias libertinas, muitos deles com vidas conservadoras, mas que, em segredo, iam dando asas aos seus desejos e às suas fantasias, através das mais criativas e, muitas vezes, humorísticas manifestações artísticas. Não é por acaso que o teatro de revista ou a música brejeira se tornaram tão populares. O erotismo em Portugal ressoa muito no trocadilho, no humor, na desconstrução dos trâmites sociais e, acima de tudo, no anti-poder. Ao contrário, por exemplo, da exuberância do erotismo*

francês, da provocação do erotismo italiano ou da severidade do alemão, o erotismo português alimenta-se, sobretudo, da subversão, do secretismo, do implícito e da perversão das regras sociais. Talvez por isso ainda esteja muito submisso do medo, da vergonha e do “fazer o que não se deve”.